



A identidade adolescente e a variação linguística

Eliane Vitorino de Moura Oliveira (UEL)*

Joyce Elaine de Almeida Baronas (UEL)*

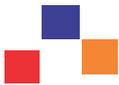
RESUMO: Com base em pressupostos da Sociolinguística, este trabalho visa a analisar um corpus obtido por meio da gravação de falas de seis adolescentes, a fim de observar qual a relação entre a identidade e a produção linguística do falante, mostrando o uso dos recursos variacionais para afirmação, num processo dinâmico, das diversas dimensões da identidade social, além de observar que peso têm os grupos nos quais o adolescente deseja se inserir e os papéis sociais que representa na formação de sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, variação linguística, adolescência

Teenager identity and linguistic variation

ABSTRACT: Based on the assumptions of sociolinguistics, this paper aims to analyze a corpus obtained by recording the speech of six teenagers in order to observe what is the relationship between identity and language production of the speaker, showing the use of resources for variation statement in a dynamic process, the various dimensions of social identity, and note that importance are the groups for the teen and social roles represented by him in forming his identity.

KEYWORDS: identity, linguistic variation, adolescence.



Introdução

A constituição de identidade é bem complexa, pois neste processo interferem diversos fatores: sociológicos, psicológicos, cognitivos e culturais. Na formação identitária, o papel da língua é primordial, visto que os sujeitos são constituídos na e pela linguagem. Além disso, Scherre (2005, p. 10) lembra que “um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua”.

Interagindo com o outro, por meio da fala, o sujeito se compõe, estabelecendo as diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo. Não obstante, conforme relata Castilho (2010, p. 31) “é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”.

A importância da língua é fortalecida ao se constatar que, por meio dela, é possível reconhecer os sujeitos dos diferentes agrupamentos, sua idade, os estratos sociais a que pertencem, o grau de escolaridade, entre outros aspectos, já que, no ato da fala, são expressas aos ouvintes indicações sobre nossas origens e o tipo de pessoas que somos. Nossa escolha lexical mostra se somos jovens, conservadores ou urbanos. Também por meio da escolha dos vocábulos podemos dar mostras de nossa profissão, e é pelo sotaque que podemos indicar o lugar de onde viemos ou em que vivemos. Além da origem, nosso comportamento linguístico é frequentemente submetido a diversas influências relacionadas à nossa identidade social, como sexo, idade, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupos.

Aguilera (2008, p.105) corrobora tal afirmação ao mencionar que “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro”.

Dentro deste entendimento, e cientes de que as línguas variam no espaço, no tempo, de um grupo social para outro, de uma situação comunicacional a outra e de acordo com a faixa etária, pretendemos, neste trabalho, discutir o uso da linguagem como marca de identidade em um grupo especial de indivíduos – os adolescentes – observando como a variedade linguística por eles utilizada lhes confere singularidade.

1. Proposições basilares

No dicionário Houaiss (2001), a palavra identidade é classificada como um substantivo feminino que significa “estado do que não muda, do que fica sempre igual (impressão digital); consciência da persistência da própria personalidade; o que faz com que uma coisa seja a mesma



(ou da mesma natureza) que outra; conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou coisa, graças às quais é possível individualizá-la.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1595). No dicionário Aurélio (2004), identidade é “qualidade daquilo que é idêntico; conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa (nome, idade, sexo, estado civil, filiação, etc.); o aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível ou conhecido (FERREIRA, 2004, p. 1060).

Entretanto, não há, entre estas acepções, uma de considerável importância: a identidade como voz marcante do indivíduo em interação. Scherre (2008, p. 10) considera as línguas humanas como “mecanismos de identidade”, e Castilho (2010, p. 33) eleva as línguas naturais ao “ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade”.

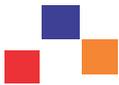
Considerada tal perspectiva, a identidade reflete-se no uso da linguagem, já que, como foi apontado, o sujeito é constituído por seu intermédio. Não obstante, sendo a fala “o aspecto individual da linguagem humana” (TERRA, 1997, p.16), é ela a expressão identitária por excelência, e, sendo sujeita a variações, representa uma diversidade de identidades.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 176) afirma que

O comportamento linguístico está permanentemente submetido a múltiplas e co-ocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas.

Para a autora, no processo de identidade, os falantes selecionam as regras de seu repertório, de modo a assemelharem-se ao grupo de referência a que desejam se associar. Sobre a acomodação promovida pelo falante, afirma que ela se volta “aos membros de uma rede virtual, com quem o falante deseja identificar-se e de quem ele ou ela espera receber ratificação ou aprovação.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 178)

É seguindo tal perspectiva que Le Page (1980) considera cada ato de fala como um ato de identidade, ou seja, para ele, a linguagem é o índice por excelência da identidade, visto que as regras linguísticas utilizadas pelo falante na busca de aproximação com os membros do grupo



com o qual deseja se identificar são criadas no momento da enunciação, por meio de escolhas linguísticas inconscientes que se associam às múltiplas dimensões formadoras da identidade social e aos papéis que assumem na comunidade de fala.

Tais regras são flexíveis, já que se ajustarão ao interlocutor, à necessidade, ao tema, ao assunto. Diante disso, é comum observar até um exagero por parte de falantes, ou grupo de falantes, a fim de marcar uma identidade, como observado por Labov (2008) em seu estudo sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, em que os nativos da ilha tendiam a exagerar a pronúncia de determinado fonema para se diferenciarem dos turistas.

Bortoni-Ricardo (2009, p. 33), ao discorrer a respeito da variedade regional como instrumento que confere identidade a um grupo, assegura que “ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais”.

Também Calvet (2007, p. 75), analisando pesquisa realizada em Porto Rico sobre a percepção de uma pronúncia valorizada do /r/, observa que “em situações nas quais a urbanização é vivida como um perigo para a identidade, vai-se [...] valorizar o modo de falar dos camponeses.” Em outras palavras, sendo cada ato de fala uma marca identitária, faz-se necessário levar em conta também o contexto em que são geradas as regras linguísticas, uma vez que a construção do indivíduo está inteiramente relacionada ao ambiente no qual ela se desenvolve.

De acordo com Matos e Silva (2006), uma criança se socializa primeiramente com a família, depois com os amigos e a escola, sendo estes domínios sociais fundamentais para a construção de papéis e, conseqüentemente, para a definição da identidade. Assim, ao discorrer sobre o ser humano, e mais particularmente sobre o adolescente, é indispensável perceber o ambiente e as relações que o circundam, o amparam e mostram seu interior, detalhes que se refletem na maneira como esse indivíduo irá se expressar, na escolha lexical, no uso ou não de determinada variedade linguística. Isso implica pensar no indivíduo como integrante de um grupo, aliado às práticas que este impõe, e como ator social que representa diversos papéis, de acordo com a exigência dos diversos contextos.

2. A variação linguística adolescente

Considerar a fase da adolescência como o período mais conturbado do desenvolvimento humano, em especial na construção da identidade, já é senso comum. Certamente, isso se deve ao fato de ser este um momento de transição para o indivíduo, que deixa de ser criança, sem



ser ainda totalmente adulto, já que não atingiu o grau de maturidade que é esperado socialmente para essa fase da vida.

Para Erikson (1998), a construção da identidade adolescente é um processo que advém da observação e da releitura de identificações anteriores, o que significa dizer que o adolescente não busca a cópia de um modelo de conduta, mas tenciona modificar, questionar, acrescentar e reconstruir tal modelo de acordo com sua visão, e assim se constituir como sujeito.

É na adolescência que o sujeito está se percebendo como integrante de um mundo social e necessita do outro para construir sua identidade, de uma referência externa, além de ser este o período em que se acentua a busca por aceitação social. A fim de obter tal acedência, o adolescente seguirá os seus pares, compartilhando com eles diversas afinidades, como vestimentas, formas de se expressar e atitudes, dentro outros aspectos. Por conseguinte, a variedade linguística por ele utilizada é também parte de sua identidade, o que faz com que as particularidades regionais ou dialetais que perpassam sua fala devam ser respeitadas, a fim de que sua identidade também o seja, o que é corroborado pelos PCNs (BRASIL, 1998, P. 46), como se pode ler no excerto seguinte:

é preciso considerar o fato de que os adolescentes desenvolvem um tipo de comportamento e um conjunto de valores que atuam como forma de identidade, tanto no que diz respeito ao lugar que ocupam na sociedade e nas relações que estabelecem com o mundo adulto quanto no que se refere a sua inclusão no interior de grupos específicos de convivência. Esse processo, naturalmente, tem repercussão no tipo de linguagem por eles usada, com a incorporação e criação de modismos, vocabulário específico, formas de expressão etc. São exemplos típicos as falas das tribos, grupos de adolescentes formados em função de uma atividade (surfistas, skatistas, funkeiros etc.).

De acordo com Mothes e Rosa (2009), o provérbio “dize-me com quem andas e direi que és” encontra respaldo em Labov, pois todos nós adotamos, de forma consciente ou não, comportamentos semelhantes aos de nossos pares, das pessoas de nosso convívio social, e isso se reflete em nosso comportamento linguístico.

O adolescente, como já foi observado, é vulnerável a qualquer tipo de influência no decorrer das etapas de sua formação e, como a língua também se mostra como uma baliza à sua identidade, cada fase ultrapassada será representada por formas diferenciadas de usar a língua, formas que, por vezes, poderão ser divergentes. Ou seja, ele poderá, num dado momento, utilizar uma determinada gíria, uma formação frasal,



uma escolha lexical que, em outra instância, por influência de um novo grupo, uma nova rede de contatos, não mais lhe será interessante, o que não significa falta de personalidade, mas, sim, característica de um período de mudanças, que sofre interferência externa ao sujeito. Neste sentido, Mothes e Rosa (2009, p. 95) compreendem que

a linguagem dos adolescentes e sua variação linguística está diretamente relacionada aos espaços interacionais em que se constroem as identidades sociais destes sujeitos. Assim, essa categoria é construída a partir de práticas sociais e contribui para enriquecer essa diversidade, uma vez que se apresenta com certa relevância e significativo poder de interferência na comunidade de fala dos indivíduos.

A adolescência, mesmo caracterizada como uma fase difícil e confusa, é significativa na formação da identidade, uma vez que nela o indivíduo deverá avaliar suas responsabilidades pessoais, a fim de aprender como utilizá-las e, assim, chegar a um conceito de quem é verdadeiramente. Diante disso, o comportamento linguístico nela apresentado será também estigmatizado.

Não raro, deparamo-nos com pais relatando sua dificuldade em compreender filhos, mesmo na atualidade, tempos em que os adolescentes têm encontrado mais canais de expressão e, conseqüentemente, mais oportunidades de se expressarem e serem ouvidos pelos adultos, influenciando, inclusive, a fala destes adultos, que passam a incorporar em seu repertório expressões características da fala adolescente.

De acordo com Pagotto (2004), há dois movimentos relacionados à identidade. O primeiro refere-se à identidade histórica ideológica, por meio da qual o sujeito se coloca como integrante de determinada época, determinado modo de ver o mundo e suas relações. Por este ângulo, pode-se observar que a camada mais jovem da população usa um dialeto que contrasta consideravelmente com o usado pelos mais idosos. Os adolescentes absorvem novidades e adotam uma linguagem mais informal, ao passo que os mais velhos se utilizam de vocábulos e formações mais conservadoras. Outra marca deste movimento vê-se no uso de um vocabulário particular pelos adolescentes, e a da pronúncia fechada da vogal tônica posterior da palavra *senhora*, marca bem característica dos falantes com mais idade. A adoção do moderno, característica dos mais novos, costuma promover mudanças na língua, como ocorreu com a palavra *legal*, gíria adolescente dos anos setenta com sentido de bom, aceita amplamente e hoje utilizada por todos na linguagem informal.

O segundo movimento é aquele em que o “sujeito da ideologia se encontra passando de posição a posição, de uma formação a outra”



(PAGOTTO, 2004, p.89), ou seja, variando de acordo com o papel assumido na sociedade.

É neste sentido que compreendemos que os papéis sociais associados aos adolescentes têm, por si só, uma gama de divergências. As regras determinantes de ações são diferentes em cada domínio social, o que não seria diferente para o adolescente, o qual, atuando como filho, não agiria linguisticamente igual ao adolescente aluno, adolescente namorado, amigo, integrante de um grupo qualquer. Para cada papel, há um uso da língua diferenciado.

Goffman (1998, p. 75), no que diz respeito a esta alternância de papéis, introduz o conceito de *footing*, desconstruindo as noções tradicionais de falante e ouvinte por julgar que tais noções encobrem relevantes aspectos da identidade social na interação, e evidencia que “os participantes constantemente mudam seus *footings* ao longo de suas falas, sendo estas mudanças uma característica inerente à fala natural”. Em outras palavras, o autor frisa que os falantes mudam seu alinhamento, ou seu enquadre de eventos, a fim de incorporar características linguísticas que facilitarão a conversação com o outro, emoldurando sua fala à fala do outro, adaptando-se a ele na projeção da identidade social correspondente ao papel social assumido no momento.

O adolescente, ao interagir atuando em diversos papéis, também estabelece tal *footing*, a fim fazer emergir sua identidade, mas o faz de forma mais generalizada, uma vez que tem necessidade de buscar uma identidade grupal que facilita a resolução das ansiedades em relação à própria falta de referenciais, modismos, posições ideológicas e filosóficas.

E, assim, partindo das reflexões sobre a teoria apresentada e tendo como pilares os estudos de profissionais diversos, vamos aos dados coletados para analisar tais considerações na vivência real do adolescente, ou seja, como isso se dá em sua fala cotidiana.

3. A fala adolescente na prática

Analisamos um *corpus* constituído de gravações de falas de adolescentes provenientes da classe social desprivilegiada, estudantes de uma escola que visa ao encaminhamento ao trabalho, além de apoio socioeducativo. São três informantes do sexo masculino e três do sexo feminino, doravante nomeados 1F, 2F, 3F, e 1M, 2M, 3M, de forma que as letras F e M correspondem ao sexo do informante.

O informante M1 é um adolescente padrão. O M2 é negro, considerado o “boa gente” da escola. O informante M3 já trabalha, tem quinze anos e está no terceiro ano do ensino fundamental. Apesar de sua origem socioeconômica, apresenta uma fala bastante alicerçada na vari-

ante padrão, o que pode uma decorrência do fato de estar inserido no mercado de trabalho. Um cruzamento com informações dos pais, não constantes deste *corpus*, poderia responder melhor a esta questão.

As informantes F1 e F3 têm as características típicas de todas as adolescentes desta classe social, não apresentando nada de relevante. A informante F2 tem dezesseis anos e está no sexto ano do ensino fundamental. Ela mora com os tios, pois os pais são ausentes. Em sua ficha, há histórico de maus tratos. Já cumpriu medida socioeducativa. Seu modo de se expressar se assemelha mais a de um menino.

Esclarecidos esses pontos, observaremos a existência, ou não, de algumas marcas tidas como próprias da linguagem adolescente, bem como da linguagem dos menos favorecidos, levando em consideração apenas um fator social: o sexo.

É mister frisar que, devido a limitações do *corpus*, os informantes serão analisados apenas representando o papel social de alunos, conjecturando-se, ao final, apenas algumas hipóteses possíveis de serem inferidas, sem, entretanto, testá-las empiricamente. Um estudo mais aprofundado, ainda em elaboração, fará comparações dos informantes assumindo outros papéis na sua interação.

3.1 Variantes no uso

Muitos estudos anteriores mostram que as mulheres tendem a não suprimir a vibrante R final. Entretanto, nosso *corpus* apresenta um resultado divergente: analisando a palavra *melhor*, nas cinco vezes em que foi utilizada, quatro pelas meninas e uma pelos meninos, a forma estigmatizada *melhó* foi a mais produtiva.

F1 - Quero também ver umas faculdade e ver a *melhó* pra entrar numa graduação na faculdade. Prefiro a UEL e a UNINORTE porque acho que elas, elas é *melhó*. (Questão 5)

F2 - Nós é *melhó* que os outro tudo. [...] Mais, meu, é só os homi pode prepará um esquema *melhó*, tipo segurança mais atinada. Acho que tudo vai dá certo, tá ligado?. (Questão 1)

M1 - Acho *melhó* ficá em casa no domingo. (Questão 2)

No que se refere à supressão da vibrante nos verbos, apenas o informante M3 apresentou a forma padrão. Os demais costumam suprimi-la, entretanto, esse fator não estabelece uma marca identitária de classe



ou idade, visto que é um traço que se apresenta na fala de todos, ou seja, é o que Bortoni-Ricardo (2009) chama de traço gradual.

F2 - Mais, meu, é só os homi pode *prepará* um esquema melhó, tipo segurança mais atinada. (Questão 1)

F3 - Dizem as notícias que eles vai se *prepará*, que vai te muitos estádios novo, até trem bala! Vamos *ve*. Isso se os traficantes não *derrubá* de novo os helicóptero dos time... (Questão 1)

F3 - Penso em *viajá* pra aqueles lugarzinho bem bonito que aparece na novela, sabe? (Questão 5)

M1 - Eu, *se* piloto de ciclismo e *estudá* pra *se* policial. (Questão 5)

Uma marca característica da fala adolescente é o uso de gírias. Em nosso *corpus*, este fato foi mais representativo no caso dos meninos, uma vez que, entre as meninas, somente a informante F2 apresentou tal característica, entretanto, como se pode observar a seguir, ela utiliza gírias como ‘meu’, ‘tipo’, ‘tá ligado’, ‘sussa’, ‘falô’, ‘mina’ de forma considerável:

F2- [...]Ah, sei, sim... é, *tipo*... dá medo por causa dos assalto, dos sequestros e outros crime. Mais, *meu*, é só os homi pode *prepará* um esquema melhó, tipo segurança mais atinada. Acho que tudo vai da certo, *tá ligado*?. (Questão 1)

F2 - Depois do futebol, gosto de dançá hip-hop, fazê os desafio, *tá ligado*? Tô num grupo do Murialdo. Já cumpri lá um tempo e aprendi com o profe R. Eu paguei 157 (assalto), mas to *sussa* agora, foi coisa que arrumaram pra mim. Foi eu e uns camarada ai num mercado no São Lourenço, *tá ligado*?. [...]Ah, *falô*, c... eu gosto de dança, esse é meu esporte. (Questão 2)

F2 - Ah, hip hop, *tá ligado*? *Meu*, o Eminem é o “the Best”, depois tem o Ja Rule. Se *tá ligado* o que que é ve o baixinho do Já Rule soltando o vozeirão pra canta os hip hop dele? Gosto também de ve a Rihanna e a Byonce, maior tesão é as duas, *tipo* gostosona mesmo. (Questão 3)

F2 - *Tipo*, na real, mesmo, não gosto muito não. É muitas regras... *tá ligado*, [...] E também tô de olho numa *mina* aqui. (Questão 4)



Já os meninos, todos utilizam gíria, sendo predominante a expressão ‘tá ligado’, mas também usam ‘cara’, ‘curto’, ‘meu’.

M1- Não. Nós não tem segurança, nem entretenimento, *tá ligado?* (Questão 1)

M1 – [...] Depois eu ando com os *cara*, nós vai no sábado, nós pedala e corre com gosto, *tá ligado?*. [...] (Questão 2)

M1 - Faço elétrica e *curto* muito [...] (Questão 4)

M3 - Muitas coisas. Depende muito do final de semana, *tá ligado?* (Questão 2)

M1 - Especifico, o Nirvana, *tá ligado?*. Gosto do Doors, do Nirvana e do Pink, *tá ligado?* [...] (Questão 3)

M2 - *Meu*, aqui é arte! [...]. O professor R. é dez, curto muito o *cara*. (Questão 4)

M2 – [...] E quero uma *neguinha*, professora, *cheirosinha* e *gostosinha*, *tá ligado?* [...] (Questão 5)

Observamos, também, a questão do uso da concordância de número, pelo fato de ser, de acordo com Scherre (2008), a expressão linguística que mais demonstra a estratificação social, podendo ser usada ou não para afirmar uma identidade de classe.

Podemos frisar que tanto meninos, quanto meninas, não fazem a concordância de número condizente com a norma padrão. Entretanto, vale destacar o uso feito pelo informante M3, que só apresenta uma inadequação às normas, e, ainda assim, numa estrutura linguística, que, segundo Scherre (2008), apresenta dois possíveis controladores da concordância verbal de número. Nesse contexto, inclusive na escrita monitorada, a concordância pode variar. Scherre alegaria que, no caso do exemplo a seguir, a concordância ocorre, sim, entretanto, com o núcleo do adjunto adnominal preposicionado *dos estádios*, e não com o sujeito *orçamento*.

M3- Não, né? Você sabia que o *orçamento dos estádios no Brasil ficaram* duas vezes mais caros que na África? [...] (Questão 1)

Chamou-nos a atenção, na fala da informante F2, o uso de determinado palavrão. Foram seis ocorrências em apenas alguns minutos, tendo o mesmo vários significados e motivações, fazendo as vezes de interjeição, de intensificador, de adjetivo. O uso apresentado pela garota pode ser mais uma tentativa de identificação com os meninos, algo que, na



fase por que passa, em que busca aceitação inclusive de sua sexualidade, é bastante significativo. Nos exemplos a seguir, o palavão é representado por *c...*

F2- Claro que sim, meu, nós joga pra *c...!* (Questão 1)

F2 - [...] foi coisa que arrumaram pra mim, *c...* Foi eu e uns camarada aí num mercado no São Lourenço, tá ligado?. Ah, falô, *c...* eu gosto de dançá, esse é meu esporte. (Questão 2)

F2 - *C...* Gosto também de vê a Rihanna e a Beyonce [...](Questão 3)

F2 - É muitas regras... tá ligado, uma regrarada do *c...* (Questão 4)

F2 - [...] pra filhinho de papai do *c...!* (Questão 5)

Por fim, analisando as falas destes adolescentes sob o ponto de vista do papel social que representam, ousamos apresentar certas suposições.

Como já citado, observamos, em Pagotto (2004), certo movimento referente à identidade, em que o sujeito encontra-se passando de uma posição a outra. Neste movimento, colocamos o informante M3, que apresenta uma linguagem bem perto do padrão, apesar do seu entorno. Consideramos isso pelo fato de o mesmo já ter um trabalho formal, em uma empresa multinacional, o que estaria proporcionando a passagem da posição de aluno à de auxiliar administrativo. O exemplo que segue mostra não só o uso padrão, mas o uso do discurso comum ao mercado de trabalho:

M 3 - Primeiro, quero passar no vestibular pra jornalismo, me formar, me firmar, quem sabe trabalhar como representante internacional de uma emissora importante... *Hoje, diante da emergência do mercado, além do feedback, tem que gostar daquilo que se faz para ser um bom profissional e bem na carreira*, eu quero isso e vou ser bom nisso e depois conhecer o mundo! (Questão 5)

Os negros vêm, há séculos, na luta por sua identidade. Desde o início da colonização, houve tentativas, com êxito, de apagar sua marca identitária, por meio da separação por línguas, a fim de não poderem se comunicar. Recentemente, obtiveram uma conquista significativa em nosso município com a implementação de um dia comemorativo para a consciência negra, por meio do qual poderão, ainda mais, expressar sua cultura e sua identidade.



Essa marca da raça negra é expressada pelo informante M2 em duas ocasiões, primeiro quando diz “Sou *negão*, professora, quero é curti meus *pagode*” (Questão 2), em que expressa sua cor com orgulho, ligando-a a uma expressão cultural típica de seu grupo racial, e, mais adiante, quando relata querer “uma *neguinha*, professora, cheirosinha e gostosinha” (Questão 5), quando demonstra interesse em perpetuar sua raça, de forma que sua identidade seja mantida, comprovando a teoria expressada por Bortoni-Ricardo (2009).

Além da busca de aproximação com a fala dos meninos, já mencionada, a identificação com o jovem infrator emerge na fala da informante F2, quando expressa conhecimento dos códigos da lei: “Eu paguei 157 (assalto), mas to sussa agora, foi coisa que arrumaram pra mim, c...” (Questão 2)

Além disso, este pequeno trecho é uma mostra daquilo que passa toda sua fala, com a intenção de chocar, mostrar-se intransigente, revoltada e masculinizada, sendo possível, assim, observar certo exagero, remetendo-nos às conclusões de Labov (2008) nos estudos sobre Marthas’s Vineyard, em relação ao uso mais carregado de determinados fonemas pelos nativos da ilha para se diferenciarem dos turistas. Também estudos concernentes à busca da identidade, afirmação em um grupo, são consideráveis neste sentido, uma vez que a garota, de forma mais exacerbada que os demais adolescentes, visa a uma afirmação identitária em todos os sentidos, como bem expressado por Erikson (1998). Não sabe se é mulher, se é marginal, se é aluna, quem ela é, e expressa claramente isso em sua interação com os demais.

Temos, ainda, as marcas da identidade de filha responsável e obediente com a informante F3, quando relata o que faz nos finais de semana: “Fico lendo, assisto televisão. *Meus pais não deixa eu saí, não. Ah, não ligo, não. Gosto de sair mais quando é com eles mesmo.*” (Questão 2)

A marca de fala feminina é expressa em diversos momentos pelas informantes F1 e F3. O uso de diminutivos e a demonstração de carinho e afeto estão presentes na fala de F3: “Ouço sempre Victor e Leo. *Amo eles. São lindinhos, né?*” (Questão 3). F3 expressa seu amor pela profissão que pensa seguir e F1 pelas matérias de que mais gosta na escola “Essas profissão é que eu *amo*. (F3, Questão 4)” “Quero estudar muito, ler muito sobre sociologia e história, porque *eu adoro*” (F1, Questão 5). A informante F3 demonstra carinho pelas viagens que deseja realizar: “Penso em viajar pra aqueles *lugarzinho* bem *bonitinho* que aparece na novela, sabe? (Questão 5)” e demonstra o grau de importância dada ao afeto, tipicamente femininos, quando diz que gosta de estudar naquela escola por que lá “eles sabe tratar a gente com *carinho e amor*. (Questão 4)



Cabe ressaltar que o presente estudo está em fase inicial, uma vez que buscamos, com um *corpus* limitado, apontar algumas características marcantes na fala de alguns adolescentes que bem expressam sua identidade. Entretanto, estudos mais aprofundados detalharão com maior densidade a expressão da identidade adolescente.

Considerações finais

Neste artigo, partindo de uma teoria referente à questão do uso da linguagem como marca de identidade dos adolescentes, procedemos uma breve análise do *corpus* obtido por meio da gravação de falas de alguns jovens, atuando no papel social de alunos. Por meio dessa análise, foi possível notar as marcas características da fase estudada, inferir algumas suposições sobre os papéis representados pelos adolescentes, aguçar o entendimento da relação entre identidade social e produção linguística do falante, mostrando o uso dos recursos variacionais para afirmação, num processo dinâmico, das diversas dimensões da identidade social. Por fim, buscou-se observar que peso têm os grupos nos quais o adolescente deseja se inserir e os papéis sociais que representa na formação de sua identidade.

Ressaltamos que o uso da expressão *Considerações finais* refere-se ao fato de ser este a gênese de um trabalho maior em execução, por meio do qual pretendemos apresentar, de forma mais aprofundada e com um *corpus* mais representativo, os caminhos pelos quais os adolescentes chegam, no que se refere ao uso da fala, a se diferenciarem dos demais, ainda que ligados a um grupo, configurando-se como seres únicos e singulares.



Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras*. **Anais GEL**. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf. Acesso em 21.Nov.2010.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. O que é, como se faz. 50ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna: sociolinguística em sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

ERIKSON, E. H. e ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. (orgs.) **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados de Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva: 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. **York Papers in Linguistics**, vol. 9, University of York, 1980.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



LÓPES, H. M. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1986.

MOTHES, Lígia; ROSA, Nara Beatriz Kreling da. Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada. **CADERNOS DE APLICAÇÃO**. Porto Alegre. Vol. 22, n.1 (jan./jun.2009), p.93-111. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25485/000747921.pdf?>. Acesso em 19.Nov.2010.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e (´) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004

SCHERRE, Marta Maria Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**. Variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, Anthony J. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

Recebido em 18/09/11.

Aceito em 17/11/11.

* **Eliane Vitorino de Moura Oliveira** é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

***Joyce Elaine de Almeida Baronas** é docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.